



**RASTROS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA KIRIRI EM JACOBINA/BA: PRODUÇÃO DE  
CONHECIMENTO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

José Valdir Jesus de Santana<sup>1</sup>  
Camila Silva Oliveira<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

Enveredar pelos estudos sobre etnicidade e constituição de grupos étnicos (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998; BARTH, 1998, 2000, 2003; OLIVEIRA, 1976, 2006; CUNHA, 1986) têm nos possibilitado analisar as relações interétnicas em distintos contextos e, no caso de nossa pesquisa, entre os indígenas Kiriri, localizados no município de Jacobina-BA, o que nos levou a elaborar as seguintes questões de pesquisa: Que elementos de uma educação indígena funcionam e atravessam a constituição da identidade étnica das crianças Kiriri que vivem em Jacobina? Quais as práticas pedagógicas em funcionamento na educação dos indígenas Kiriri em Jacobina? De que forma as fronteiras étnicas são mantidas entre as crianças Kiriri e as outras crianças no espaço escolar? Nisso, constituem-se objetivos desta pesquisa: Identificar e analisar as fronteiras étnicas e os modos de representação elaborados pelos Kiriri e por não indígenas, a partir das relações estabelecidas no contexto da escola da rede de ensino do município, frequentada por esses estudantes; refletir como os elementos de uma educação indígena funcionam e reelaboram a constituição da identidade étnica das crianças kiriri que vivem na zona rural de Jacobina. No limite, o que se pretende é sistematizar experiências de potência, de modos de (re)sistir dos povos indígenas Kiriri diante dos mecanismos de silenciamento e/ou invisibilizações de suas existências no interior da Bahia, região nordeste do Brasil<sup>3</sup>.

1 Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista/BA/Brasil) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da mesma Universidade. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Os processos de Gestão da Educação Escolar entre os povos indígenas Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe e Tupinambá: experiências em construção”. Endereço eletrônico: santanavaldao@yahoo.com.br

2 Pedagoga. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade-UESB/Brasil. Discente da Pós-Graduação Lato Sensu em Estudos étnicos-raciais: identidades e representações- IFBA. Endereço eletrônico: camila\_mirandaso@hotmail.com

3 Esta pesquisa encontra-se em andamento e deverá constituir-se em dissertação de mestrado junto ao



Como já nos advertiu Meliá (1979), mesmo com a continuidade do processo civilizatório de etnocídio dos povos indígenas, perpetrado ao longo dos últimos cinco séculos, as tradições culturais indígenas resistiram com diferentes modulações através de práticas religiosas ancestrais, informadas por suas sociocosmologias e ontologias, o que tem possibilitado, especialmente no caso do Nordeste do Brasil, processos de reorganização étnica e de afirmação de identidades perante o estado brasileiro, nas últimas décadas do século passado, a exemplo dos indígenas Kiriri, localizados no Município de Ribeira do Pombal, Banzaê e Quijingue, no estado da Bahia, como já apresentado por Santana (2007), Nascimento (1994), Côrtes (1996), Brasileiro (1996), Chates (2011), dentre outros.

No contexto atual, a educação escolar tem sido pensada e construídas, pelos povos indígenas, como um instrumento de luta, de afirmação de identidade, de reelaboração cultural, portanto, uma escola que esteja a serviço dos próprios indígenas e de seus projetos de futuro, em contraposição a um modelo de escola que, ao longo de nossa história, tentou negar e assimilar os indígenas ao discurso e a um projeto de nação hegemônico e contrário aos povos indígenas. Nesse sentido, o “ressurgimento” dos Kiriri, Tupinambá, dentre outros, se constituiu a partir de um discurso que vai se afirmando com referências nos valores tradicionais indígenas, com a invenção dos sentidos de grupo cultural no decorrer dos processos históricos.

Contemporaneamente, as agendas educativas nacionais foram moduladas por agenciamentos de diferentes alcances, se (re)fazendo nas correlações de forças dos povos indígenas para com o Estado, sem que estes deixassem de lado sua relação com os demais extratos de povos do campo e das matas. Nesta disputa política pela constituição da educação escolar e de sua (des)articulação com a educação indígena, os movimentos indígenas elaboraram a categoria educação escolar indígena diferenciada, sob a égide da nova Constituição de 1988, que instituiu a educação enquanto um direito para os povos indígenas, a qual deveria se dar com a garantia da manutenção de suas identidades diferenciadas e no respeito a seus processos próprios de ensino e aprendizagem e na obrigatoriedade da oferta pelo Estado. Junto a isso, perfilam-se e disputam-se outras discussões e possibilidades de constituição do modelo de educação para os povos indígenas no país a partir do surgimento das primeiras organizações de professores/as indígenas, as quais, de modo geral, valorizaram pautas como a busca pelo reconhecimento legal de experiências de educação alternativas ao modelo tradicional, culminando no modelo atual de educação escolar indígena específico, diferenciado e intercultural.



## METODOLOGIA

Para este projeto de mestrado, aciono a cartografia (GUATARRI e ROLNIK 1996), como metodologia/operação de pesquisa e ou modo de pesquisar, que se configura em um novo modo de pesquisa nas Ciências Humanas, com características que lança mão da pesquisa etnográfica e métodos etnográficos. Esta movimentação teórico-metodológica lança mão também de procedimentos como a observação e registros em diário de campo a partir de roteiros negociados e localizados, vindo a confrontar a lógica cartesiana na qual o/a pesquisador/a está dissociado/a do objeto de estudo.

Para a construção dos caminhos teórico-metodológicos e considerando algumas primeiras aproximações com o povo kiriri de Jacobina/BA, indico que algumas possibilidades de lócus da pesquisa para estar/analisar as relações são: a) tempos e espaços de produção de artesanato da comunidade Kiriri b) tempos e espaços de socialização com os parentes, de vivência de rituais ou em eventos de encontro das comunidades; d) tempos e espaços de educação para as crianças indígenas; e) educação escolar das crianças indígenas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 1996, Clélia Neri Côrtes, ao analisar o projeto de educação escolar entre os Kiriri, Cortes (1996, p.87), justifica que no interior da luta por escola e formação de seus próprios professores é que, de 1980 a 1983, deu-se o projeto de educação escolar entre os Kiriri, desenvolvido com base nas ideias de Paulo Freire, Celestin Freinet e outros estudos sobre educação popular e escola comunitária. O recorte histórico no qual Clélia Neri Cortes buscou analisar a educação escolar entre os Kiriri, a partir da demanda desse povo, compreende, portanto, o início dos anos de 1980 a meados da década de 1990. Outros pesquisadores, além de Côrtes, se dedicaram a analisar o projeto de educação escolar em curso empreendido pelos Kiriri, a exemplo de Santana (2007), Macêdo (2009), Chates (2011) e Santos (2012). Apresentaremos, de forma breve, os achados desses pesquisadores, posto que os argumentos aí desenvolvidos orientarão a nossa pesquisa.

Santana (2007) afirma que os Kiriri de Banzaê, a partir da década de 1980, assessorados por antropólogos, ANAÍ/BA, ONG's, missionários Baha'i, começaram a



pensar e construir projetos de educação escolar que servissem aos interesses desse povo, tendo em vista as lutas que se travavam, com os posseiros locais, na busca pela retomada de seus territórios. Contudo, se por um lado os Kiriri desejam a escola, nem todos a desejam da mesma forma e com as mesmas intenções. O autor afirma que nos momentos da realização da pesquisa junto aos Kiriri, quando as lideranças e, sobretudo os professores desse povo eram questionados acerca do que seria uma *educação escolar indígena específica, diferenciada e intercultural*, eram comuns respostas do tipo: “nossa educação busca trabalhar os valores dos índios e dos não índios. A gente quer fazer uma relação de troca entre esses saberes” (Professor Davi).

Chates (2011) em sua etnografia sobre a escola Kiriri, busca analisá-la a partir da ideia de domesticação, utilizando tal noção diante do entendimento de que a apropriação de um elemento originariamente não indígena – a escola – vai sendo tornada Kiriri, ou seja, domesticada por este povo.

Macêdo (2009), em sua dissertação de mestrado, discute os processos de etnoaprendizagem praticados pelos Kiriri e que se articulam com os modos como estes fazem sua escola. Nisso, segundo a autora, a escola não é a principal referência ou local do processo educativo, posto que segundo os Kiriri tal processo ocorre em diversos momentos e lugares, através de práticas que Macedo (2009) define como “mutualistas”.

Santos (2012) analisou as práticas de leituras desenvolvidas pelos professores Kiriri da comunidade de Cantagalo, em Banzaê-BA, permitindo afirmar, segundo o autor, que as práticas de leitura desenvolvidas pelos professores Kiriri Cantagalo sempre estão envolvidas com os elementos culturais desse povo, elementos presentes em todo o cotidiano, pois as Aldeias Kiriri Cantagalo apresentam um dinâmica de movimentos infinitos, assim temos presenciado no movimento do Toré, na busca incessante pelo encontro com os encantados, na observância e valorização dos saberes e conhecimentos dos mais velhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que só nos situando em relação política com discursos, saberes e modo de produção do pensamento ameríndio poderemos conhecer suas bases, analisar suas configurações e mecanismos de produção de subjetividade de cada povo indígena, para que seja possível apreender as ações pedagógicas de viabilidade da educação indígena.



Uma vez que o processo de subjetivação é percebido enquanto aprendizagem e exercício, estando indissociável da noção de produção. Neste contexto, subjetivação e objetivação não são percebidos como preexistente, mas como efeito de agenciamento coletivo.

Nesse sentido, a problemática de que tratamos situa-se no desejo de compreender as fronteiras étnicas e a sua manutenção, no intuito de investigar os processos de composição de pertencimento étnico e constituição da identidade étnica dos Kiriri localizados em Jacobina-BA.

**Palavras-chave:** Educação indígena. Educação escola indígena. Etnicidade. Povo indígena Kiriri.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo, UNESP, 1998.

BARTH, F. **Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000.

BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora (Orgs.). **Antropologia da etnicidade: para além de Ethnic Groups and Boundaries**. Lisboa: Edições Lisboa, 2003.

BRASILEIRO, Sheila. **A organização política e o processo faccional no povo indígena Kiriri**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996 (Dissertação de mestrado em Sociologia).

CHATES, Taíse de Jesus. **A domesticação da escola realizada por indígenas: Uma etnografia histórica sobre a educação e a escola Kiriri**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. (Dissertação de mestrado em Antropologia).

CÔRTEZ, Clelia Neri. **A educação é como o vento: os Kiriri por uma educação pluricultural**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996. (Dissertação de mestrado em Educação).



CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MACÊDO, Sílvia Michele. **Educação por outros olhares**: aprendizagem e experiência cultural entre os índios Kiriri do sertão baiano. Salvador: UFBA, 2009. (Dissertação de mestrado em Educação).

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

NASCIMENTO, M. T. S. **O tronco da jurema**: ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste: o caso Kiriri. Salvador: UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

SANTANA, José Valdir Jesus de. **A produção dos discursos sobre cultura e religião no contexto da educação formal**: o que pensam/querem os Kiriri de sua escola? Salvador: Universidade Estadual da Bahia - UNEB, 2007. (Dissertação de mestrado em Educação).

SANTOS, Jucimar Pereira dos. **Leituras e leitores**: as práticas de leitura dos professores indígenas Kiriri Cantagalo. Alagoinhas-BA: UNEB, 2012. (Dissertação de mestrado em Crítica Cultural).

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.